

DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA

O aniversário de Jesus

* Mariazinha Congilio Vidigal

O Natal já foi lindo. Crianças de até sete ou oito anos ganhavam roupa nova. Escreviam para o Papai Noel pedindo presentes e contando que haviam se comportado bem durante o ano. A mãe ou o pai se incumbiam de colocar no Correio a carta sobrescrita "Papai Noel - No céu". Sabiam que Papai Noel vinha pelos céus numa carruagem. Vestia-se de vermelho e branco, usava um capuz; tinha uma linda barba branca. Os pais sugeriam que os filhos deixassem os sapatos limpinhos; podia ser ao pé da cama ou perto da janela. Fora deveriam colocar um pouco de capim e até uma pequena bacia com água, para alimentar os burrinhos que vinham pelos ares puxando a carruagem.

As crianças limpavam os sapatinhos, colocavam a grama e a bacia com água no jardim de casa e nem dormiam direito esperando o dia 25 de dezembro. Quando seriam premiadas pelo bom comportamento. Tinha mais. Em quase todas as casas havia o presépio. Não como agora que se compra pronto. Muitos iam juntando imagens: os três reis magos, o menino Jesus deitado no capim, São José e Virgem Maria.

O casebre podia ser feito de sapé ou ripas. Um espelho no chão e sobre ele uns patinhos, para imitar um lago. Os três reis magos, geralmente à esquerda, ajoelhados. Em cima, a estrela que os havia guiado. Era linda a estrela; feita em papel celofane ou de seda. Alguns animais dentro do casebre. A visão era assim: em primeiro plano os reis magos, ajoelhados, do lado esquerdo; do lado direito, alguns animais; o espelho; os patinhos. Depois o casebre e dentro dele um rústico berço e sobre ele o menino Jesus deitado no capim (alguns não tinham o berço). De cada lado ficavam a Virgem Maria e São José. Em cima do casebre, a Estrela (era presa por um arame quando feita de celofane). Assim eram os mais simples e humildes. Algumas casas faziam presépios lindos: ficavam abertos à visitação. Havia concursos sobre os mais belos presépios.

Em muitas casas, além do presépio havia a árvore de Natal. O chefe da casa providenciava um pinheiro. O tamanho variava com as posses e o número de componentes da família. No pinheiro eram colocados os presentes, as bolas de diversas cores e fios com lâmpadas piscando sem parar. Muitas donas de casa recortavam cartolinas e coloriam. Nos lares mais pobres o presépio era todo feito em papel, cartolina e lápis de cor. Donas de casa caprichosas conseguiam maravilhas.

Na véspera de Natal, as crianças mais crescidas já ficavam de roupa nova. As menores precisavam ir dormir mais cedo para que Papai Noel tivesse certeza que elas estavam dormindo e pudesse entrar tranquilamente pela chaminé das casas; algumas crianças colocavam o capim e a água para os

burrinhos na cozinha, perto de onde Papai Noel chegaria pela chaminé.

Os chefes de família e filhos maiores, com suas roupas novas, saíam. Iam para a igreja, assistir à Missa do Galo. As crianças ficavam esperando Papai Noel. Uma empregada ou uma pessoa da família ficava em casa.

A Missa do Galo! Uma beleza. A igreja toda enfeitada. O padre com paramentos de alegria e felicidade. Os cantos. As orações. Tudo tão lindo!

— Jesus nasceu! Jesus nasceu!

O padre contava sobre o carpinteiro José que se casou com Maria para viverem como irmãos. Ele já sabia que Maria recebera o aviso: seria mãe de Jesus. Dizia como nasceu Jesus e que Maria e José fugiram para o Egito porque Herodes havia ordenado que matassem todas as crianças recém-nascidas. Numa choupana havia nasci-

so tudo não pertence à História Universal ou à História do Brasil. É coisa de trinta ou quarenta anos atrás. Hoje, poucos vão à Missa do Galo. Os presépios foram substituídos por árvores de plástico compradas em supermercado. São usadas vários anos seguidos, na época do Natal; depois desmonta-se, guarda-se numa caixa por um ano. Presépios também existem. Prontos.

As crianças não mais escrevem ao Papai Noel; também não deixam água para o burrico. As crianças conversam nas lojas com dezenas de Papais Noéis. Somente as crianças choram ou riem com a figura de um velho de barba branca perguntando nas lojas se foram boazinhas.

A infância assiste pela televisão e pelo vídeo ao que está acontecendo pelo mundo todo nesta época festiva. Adultos e crianças podem assistir à mis-



do Jesus, de Nazaré. Em Israel. Jesus havia chegado para salvar os homens. O padre contava como ele falara aos sábios, ainda menino. De como os humanos o seguiam. De como foi perseguido.

Os fiéis ouviam com o maior interesse o fato de Jesus ter ficado entre dois ladrões, e de Pilatos, lavando as mãos, deixando a decisão ao povo. E o povo condenou Jesus.

Hoje, porém, estamos comemorando o nascimento. Nascimento de Jesus, de Nazaré. Que veio ao mundo para salvar os homens. Oremos. Depois da missa, todos voltavam para casa. Era a ceia. A entrega de presentes e todos cantavam.

— Noite Feliz! Noite de Paz!

E iam dormir. No dia 25, as crianças recebiam os presentes do Papai Noel. Os adultos almoçavam. Era o almoço reunindo familiares e amigos, enquanto as crianças, empolgadas, brincavam com os presentes do Papai Noel.

sa. Pela televisão, é claro. Na árvore de Natal, entre bolas coloridas, os presentes. As pessoas se reúnem. Conversam, recebem e oferecem lembranças de fim de ano. Ceiam. Em muitas casas ouve-se a fita de "Noite Feliz" e depois música popular brasileira ou outras e também cantam e dançam até amanhecer.

Para o comércio é época de maior movimento. Para as crianças, dia de ganhar presente. Para as donas de casa, noite de reunir a família. Poucos se reúnem com o objetivo único de comemorar a vinda do Salvador do Mundo.

Ouve-se alguém dizer que "felizmente há dois feriados"; outros dizem que vão viajar. Raríssimos são aqueles que falam do nascimento, do aniversário de Jesus.

"Mudou o Natal? Ou mudei eu?" Não. O mundo mudou.

* Mariazinha Congilio Vidigal é poetisa e escritora.

NATAL

Benedito Ferri de Barros

*Se alguém lhe sorri, sorria.
Acene, se alguém lhe acena.
Escute, se alguém lhe fala.
Se alguém lhe fala, responda.
Não deixe cartas em branco.
Responda aos telefonemas.
Atenda quem bate à porta.
Receba quem o procura.
Aperte a mão que se estende.
Abraça quem o abraça.*

*Que o mundo que o rodeia
penetre seu coração:
que as flores lhe digam coisas,
as aves em si confiem,
que as crianças o busquem
e cada homem o veja
como se vê um irmão.*

*E tanto amor se irradie
à sua volta e de volta
inunde seu coração,
que cada um de seus dias,
como se fosse este dia,
reconstitua a alegria
do dia da Criação.*

O fim de uma era

• José Donato de Próspero

Um pouco de história...

É o tempo que passou entre 1952 até os dias de hoje, quarenta anos de convivência com o prof. Walter E. Maffei. Poderia ser contada por mim ou por Carlos Magno, pois somente nós dois a vivemos desde o primeiro dia. Muitos outros participaram dessa história e são testemunhas, em tempo variável.

Em 2 de janeiro de 1952, fui chamado para colaborar com Maffei, que havia sido convidado para montar o Serviço de Anatomia Patológica no Hospital Central da Santa Casa de São Paulo. Com a transferência da Faculdade de Medicina da USP para o Hospital das Clínicas, a Santa Casa enfrentou problemas sérios com a evasão de grande parte de seu corpo clínico.

A visão de um empresário, dr. José de Alcântara Machado, aliada à influência de ilustres médicos que aqui permaneceram, como J. Soares Hungria Filho, Álvaro Dino de Almeida, Emilio Athié, Nairo Trench, Fortunato Gianoni e outros, fez com que a Santa Casa sentisse necessidade de ter controle sobre as operações que então se realizavam e sobre os óbitos que ocorriam. A idéia de convite ao prof. Maffei amadureceu e se consolidou, a partir de 2 de janeiro de 1952.

Nesse dia, por coincidência, após a missa de formatura na Igreja da Consolação, fui à Provedoria e lá também estava um jovem recém-formado, procedente da Escola Paulista de Medicina, Carlos Marigo. O trabalho se iniciou e a partir desse dia a exigência de Maffei a nós dois era enorme, pois tínhamos que resolver inúmeros exames anatomo-patológicos atrasados e relatórios a serem feitos. Tínhamos apenas a nossa dedicação e o nosso esforço em tempo integral a oferecer e o prof. Maffei se incumbia das grandes "bronzas" que recebíamos pelo nosso noviciado. Desde a primeira peça cirúrgica e a primeira lâmina já sentíamos o gênio do prof. Maffei. Também desde os primeiros dias o professor exigia documentação completa de cada caso.

Nosso serviço se restringia a um microscópio, um microtomo, uma técnica e uma secretária. Com o correr dos anos foi progressivamente crescendo. O prof. Maffei imprimia o seu gênio e o seu temperamento ao serviço em crescimento. Implantou algo inédito para a época, isto é, a obrigatoriedade de exame de todas as peças cirúrgicas retiradas de pacientes e, a partir daí, o padrão científico, o controle de qualidade dos procedimentos cirúrgicos e clínicos foi ampliando e todos os óbitos eram estudados a fim de esclarecer as causas e possibilitar maior conhecimento.

Desde o primeiro dia, Maffei nos incentivava para a documentação, criando um arquivo de slides de peças de exames microscópios, pois na sua visão um hospital como a Santa Casa necessitava ter a pre-

sença de estudantes. Ele dizia "vamos nos preparar para a nova Faculdade de Medicina que, mais cedo ou mais tarde, será novamente implantada nesta instituição. O Serviço de Anatomia Patológica deverá ser o núcleo para que isso se realize". As reuniões anatomo-clínicas dirigidas pelo prof. Maffei, com a participação de toda a Santa Casa, chamaram a atenção da Medicina paulista e o auditório da biblioteca era pequeno para abrigar o enorme interesse que provocava. O prazer que semanalmente tínhamos em prepará-las era enorme e o espírito universitário que erradiavam, o interesse de todos os médicos, aliados ao espírito polêmico do prof. Maffei, tornaram essas reuniões memoráveis.

Afirmo com certeza que a futura Faculdade de Medicina da Santa Casa estava entrando na consciência de todo o Hospital. Em 1963, esse sonho se concretizou pelo trabalho do prof. Emilio Athié que, com o seu espírito realizador, ultrapassou os obstáculos. A irmandade, nas pessoas do então provedor Christiano Altenfelder Silva e o vice-provedor José de Alcântara Machado, aprovou sua inauguração. O primeiro Conselho que organizou a Faculdade era constituído pelo prof. Maffei, Oscar Monteiro de Barros e Eduardo da Costa Manso.

Em virtude da extraordinária capacidade de organização do prof. Maffei, o Serviço de Anatomia Patológica tinha elementos que permitiram colaborar com o primeiro ano do curso da nova Faculdade, inicialmente no Departamento de Morfologia do prof. Orlando Aidar, passando a partir de 1965 a ser o responsável pelo curso de Patologia. Desde essa época até este ano o Maffei foi homenageado por todas as turmas e extremamente querido dos alunos. A Faculdade da Santa Casa passou a ser uma das principais escolas de Medicina do Estado, reconhecida em todo o Brasil.

A personalidade...

Desde os primeiros dias de convivência científica sentimos a presença marcante da personalidade de Maffei. Antes mesmo de trabalhar com ele sabíamos de seu temperamento, de suas qualidades morais, de seu espírito polêmico e de sua agressividade. Sua passagem pela Faculdade de Medicina da USP e como professor de Sorocaba espalhavam sua fama.

No entanto, somente trabalhando com ele pudemos sentir a realidade. Professor extraordinário, não só pelos seus conhecimentos de Patologia e cultura médica geral, como principalmente pelo sentido polêmico de suas opiniões, nunca satisfeitas com o que lia ou via, sempre procurando algo mais e em tudo com enorme sentido crítico. Trabalhar a seu lado fez com que todos os assuntos da Patologia fossem discutidos às vezes de maneira veemente, verdadeiras brigas em torno do microscópio ou nas salas de autópsia. O professor queria que nossa mente se abrisse para observação



Walter Edgar Maffei influenciou a grande maioria dos patologistas brasileiros e prestou enorme serviço à Medicina, à sociedade e ao ensino.

dos processos patológicos como ele os via, mas sempre aceitando a discórdia com naturalidade e enorme espírito científico. Terminadas as discussões, e com frequência eram ásperas, tudo voltava ao normal.

Suas idéias, que há mais de trinta anos eram consideradas "loucuras do Maffei", o tempo se incumbiu de transformá-las em realidade. Quando nos lembramos da ênfase que dava aos processos alérgicos e aos mecanismos defensivos do organismo, hoje, com o avanço da imunologia, sabemos que, naquela época, já eram atuais. Suas idéias sobre o infarto do miocárdio, sobre a úlcera gástrica e tantas outras, concordássemos ou não, eram brilhantes.

Seu saber sobre Neuropatologia foi tão extraordinário que, convidado a fazer estágio na França, tornou-se chefe de importante Serviço naquele país. Seus livros e sua obra científica estão aí para conhecimento de todos.

Como homem sempre foi de franqueza única. Jamais deixou para depois o que precisava ser dito e nunca o fez pelas costas, sempre de frente e claramente, o que resultou num Departamento aberto, como todos conhecem aqui na Santa Casa.

A personalidade do prof. Maffei e a situação do Departamento motivou a enorme frequência dos médicos diariamente em nosso Departamento, a fim de discutir os mais variados assuntos em todas as especialidades médicas.

O arquivo organizado pelo prof. Maffei, que hoje conta com cerca de 35 mil slides, sempre foi aberto aos colegas tanto da Santa Casa como de muitos outros Ser-

viços. Foram aqui realizados inúmeros trabalhos científicos e apoiadas muitas teses de colegas das mais variadas procedências.

Logicamente, Maffei sempre contou com o auxílio de muitos patologistas que por aqui passaram, ex-residentes e também os colegas, do grupo efetivo que ficou e que mantém o espírito do mestre.

Orgulhamo-nos de fazer parte deste grupo e de juntamente com Marigo, Helena, Mário, Carmem, Roberto, Lenira, Fátima, D'Andrea, Dino, Denise e Giulio, bem como os atuais residentes Fernanda, Neide, Telma, Ulisses e Luís continuar a obra e o exemplo que ele nos deixou.

Por sua capacidade de trabalho, Maffei nunca usou expressões como "não tenho tempo" ou "estou cansado" e nunca esqueceu qualquer pedido de seus colaboradores. Direta ou indiretamente influenciou a grande maioria dos patologistas brasileiros e prestou enorme serviço à Medicina brasileira, à sociedade e ao ensino.

Para os que conviveram com Maffei é difícil acreditar no seu falecimento físico, pois era dessas pessoas que pareciam imortais. Embora isto tenha ocorrido, sua vida é um exemplo que permite considerá-lo um imortal para a Patologia brasileira e para aqueles que com ele conviveram.

• José Donato de Próspero é livre-docente de Anatomia Patológica e diretor do Departamento de Patologia da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo.

Sabedoria transcendia a área médica

• Rodolfo Fiorini Filho

As tardes das quartas-feiras do ano de 1970 tornaram-se inesquecíveis para mim e meus colegas de turma. Terceiranistas da Faculdade de Medicina de Sorocaba, tínhamos nesses dias aulas de Anatomia Patológica na sala de autópsias. A sala repleta de gente: alunos de todos os anos, residentes, assistentes de diversas cadeiras, professores. Ninguém queria perder o show científico!

E lá estava ele, nosso futuro paraninfo! Esguio, olhar vivo, genialidade transbordante, voltando o cadáver por diversas vezes, decifrando patologias, fazendo considerações sobre a causa **mortis** antes mesmo de ouvir a anamnese. Crítico, combatia os exageros e a inutilidade dos tratamentos e dos exames diante da doença fatal. Polêmico, defendia arduamente suas teses fundamentadoras da Medicina, realidades científicas do progresso médico atual.

"Quem faz a doença é o organismo e quem a cura é o próprio organismo, com, sem e apesar do médico. A verdadeira Medicina se aprende na sala de autópsias." Estas são algumas de suas frases célebres, constantemente proferidas.

Tínhamos enorme prazer e orgulho quando eventualmente honrava nossa "república" com a sua presença em almoços que antecediam as aulas da tarde. Ficávamos atentos a cada uma de suas palavras, fosse o assunto da área médica ou não. Rimos dos comentários contundentes que fazia sobre os mais diversos fatos.

Sua sabedoria transcendia a área médica, pois era também um profundo conhecedor de música clássica e antiga, além de literatura, assuntos sobre os quais falava durante horas. A morte do professor Walter Edgar Maffei, consternadora para toda a Medicina brasileira, não deixa lacunas, pois ele as preencheu em vida com sua genialidade científica e cultural. A nós que tivemos o privilégio de ser seus alunos, nos deixou o conhecimento das bases da Medicina, além do senso crítico diante da doença e do doente, mas sobretudo, nos deixou um grande saudades!

• Rodolfo Fiorini Filho é clínico geral, endocrinologista e médico do trabalho.

Maffei e a epilepsia

• Guido Arturo Palomba

No dia 10 de setembro passado, a Medicina, particularmente a Psiquiatria, perdeu um grande homem. Aos 87 anos de idade morreu Walter Edgar Maffei, um dos descobridores do substrato anatomopatológico da mais velha doença da humanidade. Maffei participou da descoberta e foi um dos grandes divulgadores do Cérebro Epiléptico.

A epilepsia é tão velha quanto a própria humanidade, ou, ainda, mais velha do que ela, pois os animais a apresentam. **Epi**, o que está acima; **lepis**, abater, pegar. Supunham os antigos que de cima vinha o espírito e abatia o indivíduo, donde **epilepsis** e os seguintes outros nomes: **Morbus Sacer** (Mal Sagrado), **Morbus Deificus**, **Morbus Foedus** (Mal Heiondo), Mal Caduco.

Até o século XVII o entendimento que tinham sobre ela era o de ser possessão demoníaca. Existiam várias formas de possessão; uma era quando o diabo abatia o indivíduo e o sacudia no chão (corresponde a epilepsia forma neurológica); outra quando o indivíduo perdia a posse do próprio corpo e através dele o diabo fazia o seu berzabum (corresponde a epilepsia forma psicótica) e havia também outra para aqueles indivíduos que se dedicavam desde cedo às más condutas, aos feitiços, bruxarias e malfetorias (corresponde a epilepsia forma condutopática - personalidade psicopática).

Os únicos remédios que conheciam para as possessões demoníacas eram típicos daqueles que são originários de doutrinas impregnadas totalmente por idéias mágico-místico-religiosas, mesmo porque, pelo próprio entendimento que tinham da doença, não poderia ser o contrário. Exorcismo, crucifixo, poções mágicas e benzimentos eram administrados aos possuídos, para que pudessem vencer o mal que os abateu por cima.

Porém, no século XVII, o magno Boerhave estabeleceu, definitivamente, que a epilepsia é doença médica e dentre as doenças a mais polimorfa delas. Essas idéias, muito precoces para a época (tais como foram as de Hipó-

crates nos aforismos 70 e 201), levaram cerca de duzentos anos para que autores se capacitassem a descrever outras formas de epilepsia. Morel falou em epilepsia larvada; Ribot, dupla personalidade; Prichard, loucura moral; Krafft-Ebing, psicose epiléptica, entidades nosológicas, todas do círculo das manifestações mórbidas da epilepsia, como criam os seus autores.

Os anos foram passando e novos tipos, subtipos, formas e subformas foram sendo individualizadas, a ponto de algumas delas ganharem **status** de entidade nosológica autônoma, sem fazerem por merecer. Assim é que o indivíduo que ficava endemoninhado, que praticava atos amorais, desprovidos de sentimentos, às vezes com liberação de agressividade, sem auto e hetero-crítica, acabou, aos poucos, libertando-se da ligação que desde a origem

via. E a Neurologia, às vezes, aceitando as formas psicóticas, outras não, mas basicamente admitindo somente as formas neurológicas, divididas em crises epilépticas, com seus três tipos, nove subtipos e vinte e seis subtipos de subtipo, e manifestações sindrômicas epilépticas, com seus três tipos, vários subtipos e subtipos de subtipo.

Com Maffei vieram valiosos subsídios para pacificar o entendimento sobre o mal, pois tendo verificado o substrato anatomopatológico da doença, deu a base segura para que se possa unificá-la dentro do seu fantástico polimorfismo de sintomas.

O primeiro que descreveu o cérebro epiléptico foi Otávio Peres Velasco, no final dos anos 40, estudando cérebros de indivíduos que, em vida, receberam o diagnóstico de epilepsia genuína, estu-

lado onde o corno de Ammon se apresenta hipoplásico, foi verificado menor desenvolvimento dos pilares do triângulo cerebral, do feixe de Vic d'Azir e do tálamo, principalmente do seu núcleo anterior; 6.º) freqüentemente foram encontradas dilatações da cavidade do **septum pellucidum**.

Maffei aceitou as idéias de Velasco depois de vê-las confirmadas em milhares de autópsias e ainda desenvolveu a doutrina de que o cérebro epiléptico existe em várias outras formas de epilepsia e não somente na dita genuína (As Bases Anatomopatológicas da Neuropatia e da Psiquiatria).

A semente estava plantada, e vieram os discípulos a palmilhar os caminhos iluminados pela genialidade do mestre que há pouco se foi: Piazza, Coura, Godinho Leite, Alho Filho e o grande mé-

crises generalizadas etc.), é a epilepsia forma neurológica. Há outra que se manifesta predominantemente, por distúrbios psicóticos (estado crepuscular com liberação de automatismos motores e verbais ou com alucinações, de lírios etc.): é a epilepsia psicótica; e outra que se manifesta predominantemente por distúrbios de conduta que é a epilepsia forma condutopática.

Maffei bradava: "A epilepsia é uma só, é errado falar **epilepsias**, o substrato anatomopatológico é um só, está ali", e apontava para o cérebro epiléptico, sempre visivelmente assimétrico.

Maffei, para muitos a reencarnação de Paracelso, foi indiscutivelmente grande. A sua verdade dificilmente podia ser repensada, pois as evidências com as quais argumentava para convencer eram tão claras que podiam até satisfazer a São Tomé, ver e crer, e Maffei, no orgânico, no carnal defunto, mostrava o que tinha de concreto no homem endemoninhado, possuído pelo diabo, que entrou por cima e tomou o corpo todo, revirou os olhos deixando apenas entrever a esclerótica, debateu-se no chão e emitiu escuma, às vezes sanguinolenta, pelos cantos da boca retorcida; ou, na posse do corpo, falou coisas absurdas e praticou atos incompreensíveis; ou, ainda, no enérgico que, embora não totalmente sobre a influência do horrível hóspede, praticou atos amorais, sem auto e heterocrítica, com frieza de sentimento.

Morre Maffei, brotam suas idéias aqui e ali. Como Paracelso, admitia que corpo e alma são duas substâncias diferentes, mas que, no ser humano, estão amalgamadas, não havendo nada corpóreo sem alguma coisa de alma ou nada amínico sem alguma coisa de corpo.

A anatomopatologia, tal qual o corpo, era o signo de Maffei; a sua doutrina, o símbolo. Morreu um signo, não o símbolo, a doutrina, cujo cerne se perpetuará nos inúmeros discípulos, seguidores e admiradores, de geração em geração, pelos anos que virão.

• Guido Arturo Palomba é diretor do Departamento Cultural da APM.

“Morre Maffei, brotam suas idéias aqui e ali. Como Paracelso, admitia que corpo e alma são duas substâncias diferentes, mas que, no ser humano, estão amalgamadas, não havendo nada corpóreo sem alguma coisa de alma ou nada amínico sem alguma coisa de corpo.”

do feito no Hospital de Juqueri, no Centro de Estudos do Cérebro, o qual foi dirigido por Maffei.

Velasco concluiu que havia uma alteração de desenvolvimento cerebral, caracterizada por hipoplasia do sistema rincefálico, predominando de um lado, em geral o esquerdo, às vezes de todo um hemisfério. Em seu trabalho original estabeleceu que: 1.º) na maioria das vezes havia assimetria cruzada cérebrocerebelar; 2.º) externamente a atrofia é mais nítida nos lobos frontais e temporais, limitando-se muitas vezes aos lobos temporais; 3.º) idêntica assimetria foi encontrada algumas vezes no estójo craniano; 4.º) em todos os casos foram encontradas alterações nos cornos de Ammon, na maioria das vezes havia atrofia unilateral, sempre no lado correspondente ao hemisfério menor; 5.º) no

dico-filósofo Atila Vaz, todos a lidar na trilha aberta, pavimentando-a com preciosas pesquisas, artigos e livros, estabelecendo conceitos precisos acerca dessa mais velha doença da humanidade.

Atila Vaz passou a estudar o cérebro daqueles indivíduos que, em vida, receberam diagnóstico de personalidades psicopáticas, de cujos estudos participamos. Chegou à conclusão de serem elas, mormente as do subtipo explosiva e amoral, pertencentes a indivíduos portadores dos mesmos característicos cerebrais encontrados no cérebro da epilepsia dita genuína.

Se a epilepsia é polimorfa e apresenta um mesmo substrato anatomopatológico, precisa e pode ser dividida em formas clínicas. Há uma que se manifesta, predominantemente, por distúrbios neurológicos (crises parciais,

Ainda sobre Maffei

Coluna do livro

Na comemoração dos 60 anos da APM, em novembro do ano passado, Cordovani entregou uma placa de prata ao prof. Edgar Maffei, em agradecimento a tudo o que fez pela Medicina paulista.



• Luiz Cordovani Filho

A notícia do falecimento do prof. Maffei pegou de surpresa todos aqueles que o conheciam. Faleceu dez dias antes de um jantar que seria realizado em sua homenagem. A APM recebeu inúmeras cartas de ex-alunos, admiradores e conhecidos do professor, prestando-lhe justa homenagem.

Valho-me do privilégio de diretor da APM e ex-aluno do professor Maffei para deixar registrada esta minha homenagem. Muito já foi dito e muito ainda se dirá sobre esse grande médico paulista (triplo pleonasma). As "teorias do Maffei" (ele ficava uma "fera" quando assim diziam) e imediatamente refutava como **observações de autópsias** (mais de 100 mil realizadas, que vão se tornando realidades científicas comprovadas).

Costumava dizer: "Quando algum americano disser as coisas que falo há mais de trinta anos será considerado um gênio e dirão que eu não tinha provas clínicas daquilo que dizia."

Deixarei a cargo de outros colegas os comentários sobre sua atuação como cientista e como médico, limitar-me-ei a comentar sua parte homem.

Não segui a especialidade de Patologia, especialidade exercida pela maior parte de seus admiradores. Optei pela Clínica Médica, por vocação e desejo próprio.

Como homem e como professor, Walter Edgar Maffei, sempre cultuou seus mestres e antecessores, falava com admiração de Alfonso Bovero, Virchow, Koch etc., insistia para que o clínico participasse das autópsias e dizia que: "O que diferencia o médico do 'enfermeirão' é o conhecimento da Patologia."

Criticava o uso indiscriminado de antibióticos, corticóides e medicamentos em geral sem o conhecimento de todas as facetas dos remédios. "Vocês não devem receitar um nome, mas um medicamento que vocês conheçam em toda sua plenitude."

Era um brilhante conhecedor de história, mitologia grega, música medieval, música clássica, artes etc.; dominava alguns idiomas e exigia conhecimento da língua pátria.

Sua sala de aulas era a mesa de autópsias e no quadro-negro da sala de autópsias escrevera "**Hic est locus ubi mors gaudet succurrere vitae**" (aqui é o local onde a morte se vangloria em socorrer a vida).

Insistia em que a função do médico era curar, se isto não fosse possível deveria minorar o sofrimento e, se isto também não fosse possível, deveria consolar. Em mais de sessenta anos de atividades nunca se escusou de aconselhar e de ensinar. Fiz parte da insensidão de seus alu-

nos "sem nome". Provavelmente, o professor Maffei não saberia o meu, pois não segui a sua especialidade e nosso contato praticamente terminou com minha formatura em 1974.

Para mim são exatamente os "alunos sem nome" que mais sentiram o seu falecimento. Muitos gostariam de ter podido expressar seus agradecimentos por tudo o que o prof. Maffei significou. Na comemoração dos sessenta anos da APM tive a honra de homenagear o prof. Maffei e os professores Gianonni e Cesário Matias, estes últimos sócios fundadores desta Associação.

Na placa de homenagem aos três - um recetário - agradecemos tudo o que fizeram pela Medicina paulista. Nesse recetário, feito à moda antiga (no tempo em que se fazia Medicina), constava um símbolo representando o olho de Horus, deus da Medicina egípcia antiga e que era invocado como protetor do médico. Esse símbolo aprendi-o com o professor Maffei.

Parte esta homenagem simples de um de seus vários "alunos sem nome". O Senhor significou para nós mais do que poderia imaginar. Deus o abençoe.

• Luiz Cordovani Filho é diretor do Departamento Social da APM.

Na última quarta-feira do mês de novembro, em reunião da Academia Paulista de História, o acadêmico **Duílio Crispim Farina** foi reeleito, por aclamação, presidente da Entidade para o triênio 1992/1995. O vice-presidente será **Hernani Donato** e o secretário-geral **Isaac Grimberg**.

A Academia Paulista de História é composta por quarenta membros vitalícios, cujos acadêmicos vêm se destacando pela qualidade dos trabalhos publicados. O presidente reeleito é médico (formado em 1947, na Casa de Arnaldo) e escritor, havendo publicado inúmeros artigos e nove livros, sobre vários assuntos da história da Medicina, de São Paulo e do Brasil.

Acaba de lançar dois livros, obras de grande beleza literária, cujos conteúdos acrescentam dados importantíssimos à cultura pátria: "Piratinga em Tempos Idos" e "Sarmiento de Gamboa no Brasil". O primeiro, verdadeira preciosidade histórico-literária, conduz o leitor à São Paulo antiga, suas chácaras, seus caminhos, as velhas ruas, os tipos de outrora, as igrejas e ermidas, portos e embarcadouros etc. O segundo é contribuição de Farina à história do Brasil. Traz a vida e a obra do marujo espanhol que esteve no século XVI navegando pelo litoral vicentino, Bahia, Guanabara e demais locais da costa brasileira. Gamboa, além de navegador, era escritor, cujo livro "Viagens Al Estrecho de Magallanes" (1579-1584), obra raríssima, muito serviu para Farina elucidar aspectos históricos até então não esclarecidos devidamente.

O professor **José Ramos Jr.** lançou, pela Edit. Sarvier, dois livros: "Disritmia Encefálica Paroxística Primária" e "Personalidade". O primeiro aborda, com clareza, o processo fisiopatológico que acomete a unidade funcional do encéfalo, de maneira repentina, dependente da constituição genética do indivíduo. São as manifestações síndromicas do pequeno e do grande mal epiléptico. Diz no livro, e com toda a razão, que "felizmente as síndromes e os sintomas do **petit mal** são muito mais frequentes e, infelizmente, também muito mais frequentemente não diagnosticados". Tal se resolve se o médico fizer um "disciplinado e sistematizado treinamento da anamnese dessas síndromes".

O professor José Ramos Jr. mostra, com a segurança e a experiência de muitos anos de prática clínica e casuísta considerável, que inúmeras manifestações mórbidas que soem ser mal-avaliadas pelo médico têm origem na disritmia cerebral paroxística primária, como, por exemplo, a enurese noturna prolongada, o sonambulismo, a enxaqueca, o sonolúquio, o brixismo (ranger de dentes), as crises coléricas, as tonturas, a hipoacusia paroxística, o tinido etc. Diz mais, e a muito bom direito, que a **epilepsia é uma só**, não sendo correto **epilepsias** (no plural), como ainda alguns autores teimam em dizer, pois o Mal Sagrado tem substrato anatomopatológico bem definido, o descrito por Perez Velasco e Walter Maffei. O autor entende que o diagnóstico de disritmia encefálica paroxística primária não é feito com a facilidade e constância que deveria, pois a maioria dos médicos diplomados de 1968 para cá não tem o suficiente preparo em semiótica e semiologia-clínica, indispensáveis à boa anamnese, que é "tudo ou quase tudo para o diagnóstico dessas frequentíssimas síndromes".

O outro livro do professor José Ramos Jr., "Personalidade", aborda as várias classificações, seu conceito, as principais definições, a formação e o desenvolvimento da personalidade humana. O livro trata do tema de forma esquemática, propõe princípios básicos para a correta formação do indivíduo, no campo social, biológico e psicológico-cultural. O assunto "personalidade" sempre foi repleto de senões e talvez, motivo esse que faz ser a obra ora mencionada muito útil para quem deseja conhecer algo mais sobre o assunto. G.A.P.

Fique sócio da APM. Participe do Departamento Cultural